

## Introdução

Um dos assuntos mais palpitantes, senão principal do Universo em que vivemos, é o problema humano.

O homem e sua relação com o Cosmo, suas ações e reações ante o meio que o cerca, seu papel na evolução, sua função específica na coletividade, sua real constituição como ser pensante e inteligente, seus problemas sociais e éticos, suas reações emocionais e convencionais, seus equilíbrios e desequilíbrios, a sanidade e a insanidade com todos os corolários, o grave problema da dor e sua antítese, o prazer, e os problemas gerais concernentes às melhores formas de constituição governamentais e felicidade entre todos os povos, são tópicos dos mais transcendentais da especulação (e problema dos mais sérios e complexos) que procuraremos abordar com o fito de propor soluções para o equacionamento de tão angustiante problema: o do homem.

O problema religioso, no sentido de religião pura, não religião-culto, funda-se plenamente na ciência; não na ciência especulativa, mas nas ciências puras, numa síntese precisa e exata que, derrubadas as aparências exteriores, caminha num mesmo campo de investigação. Porém, o problema religioso-científico só pode ser também completamente resolvido quando estritamente ligado ao problema humano. Isto porque o homem é um estágio no plano evolutivo geral do Cosmo manifestado e, desta forma, a religião-ciência tem que se prender efetivamente ao fator comum desta planificação geral evolutiva — o homem.

A síntese absoluta, que elucida os maiores problemas da humanidade, terá que estar forçosa e intimamente associada a estes dois problemas aparentemente antagônicos: o problema religioso e o problema humano!

Nesta síntese, iremos notar que esses dois problemas serão reduzidos a apenas um, pois essa divisão é puramente acadêmica. Os problemas não têm fronteiras divisórias. Efetivamente, em síntese suprema, o grande e maior problema do homem, e conseqüentemente do mundo, é apenas um.

O que procuraremos abordar na primeira parte deste volume é precisamente o monismo, síntese da multiplicidade eternamente una. Para compreender a Grande Lei e o seu mecanismo, é preciso que nos identifiquemos com a sua essência. Porém, para alcançar essa finalidade, devemos partir do microcosmo (o homem), analisar a grande multiplicidade, para depois atingir o particular em suas atribuições e complexos fenômenos, indo, daí, até o macrocosmo e suas leis básicas, dissecando então completamente o problema.

Nessa emocionante pesquisa do particular e do geral, do todo e da parte, do máximo e do mínimo, concluiremos definitivamente que a solução do problema esteve e está a um passo de nós mesmos, que só o homem pode salvar o próprio homem, que a Lei é única e perfeita, sábia e precisa; que os maiores problemas da humanidade, a rigor, nem chegam a constituir-se num problema, e a sua solução natural é bem simples e de fácil adoção; que o homem tem um papel importante a cumprir em relação à Lei, que ele talvez ignore, mas que diz respeito à própria evolução do Cosmo; que as aparências dos múltiplos reduzem-se sempre à unidade, na enganosa quantidade de leis menores e infinitas conclusões díspares.

Concluiremos que tudo caminha para um determinado fim, previsto e preciso, em que o acaso não toma parte, o provável e o improvável são absurdos e as probabilidades são apenas recursos da nossa maneira estreita de não-compreensão dos fenômenos; que o homem é um organismo exato e maior, em que o micro e o macrocosmo são idênticos, tocam-se e completam-se numa estupenda definição de perfeição e harmonia. Finalmente, concluiremos que, por trás de um também aparente determinismo férreo, existe uma liberdade suprema do ser e do existir, culminando na unificação de todas as harmonias e reafirmando que a única Lei perfeita, em tal construção absoluta e precisa, só pode ser o amor.

O amor pleno, absoluto, como Lei Una, na Grande Unidade, é liberdade absoluta em suas menores conseqüências. Porque esse mesmo monismo, causa das causas, imanente e atuante, lei sábia e precisa que rege todas as coisas, é amor! O amor, em toda a sua

plenitude, nada pede. Tudo dá em uma eternidade infinita. Mas, no eterno dar do amor, é necessário, é condição precípua, que tudo seja livre, soberanamente livre para aceitar o amor. Determinismo no amor não pode ser amor: é sujeição. É subordinação a uma vontade superior, é coação, é servidão. O ser, sendo livre, aceita a doação na plena condição de liberdade, equilibrando-se e harmonizando-se de tal forma que o dar e o receber anulam-se numa forma recíproca de somente amar.

Por que então o mal e a dor? Por que o sofrimento, a dúvida, a iniquidade, a limitação e as eternas interrogações, se a Lei Suprema é liberdade e amor?

Por que se odeiam tanto os homens, buscando apenas as suas próprias satisfações, num individualismo impressionante, numa vaidade e egoísmo incomensuráveis que, por vezes, tocam as raias da loucura, se a Lei Suprema é liberdade e amor?

Por que as eternas lutas do homem, do animal e da Natureza, a luta pela vida, que oprime os fracos e beneficia os fortes, numa sangrenta e brutal concorrência, se a Lei Suprema é liberdade e amor?

Por que as mazelas, as deformações, as doenças, as insanidades e desequilíbrios patológicos, mentais e celulares, se a Lei Suprema é liberdade e amor?

No mundo moderno, o que se observa é a concorrência desleal, a vaidade incontida, o egocentrismo doentio, a deturpação e a total inversão de valores, a sobrevivência do mais forte em detrimento do menos dotado, a supremacia pelo terror ou pelo pavor coletivo, com os modernos engenhos nucleares, a satisfação dos mais torpes instintos pelos métodos antinaturais, a servidão e a subserviência por todos os ângulos e por todas as formas, os incríveis e nefastos conclaves industriais para melhor exploração e domínio dos povos menos favorecidos, os *trusts* egoísticos, a intolerância de credos, filosofias e cerceamento das liberdades individuais, os crimes coletivos sangrentos, que o homem apelida de guerra, a indiferença dos poderosos e uma infundável série de fatos, atos e determinações que subjagam uma quantidade enorme de seres, esmagando-os na dor, na ignorância e na escravidão, em seu sentido amplo, em benefício de uma minoria gozadora e insensível.

Mas este então é um mundo de mal e de dor! Como pode isto justificar-se, quando afirmamos que a Lei Suprema é liberdade e amor? Como podem amor e liberdade serem uma lei atuante e absoluta num mundo que se desagrega no ódio e nas prisões estreitas de todas as infelicidades? Como podem amor e liberdade

ser uma lei atuante e absoluta, se completamente ausente das instituições, especulações, ciência, religião, ética, estética e todas as sínteses do homem moderno, que se diz centro, Deus onipotente e onisciente, senhor supremo de toda a criação?

Como pode o homem, atingindo tais alturas, perfeições e progressos, nos mais diferentes campos do conhecimento, não ser ainda capaz de encontrar a fórmula simples, mas eficaz, para resolver o pequeno problema de sua infelicidade?

Fabricam-se bombas, dissociam-se átomos, pesquisam-se os mistérios da célula, varrem-se os espaços siderais, põem-se satélites em órbita, vasculham-se os segredos dos planetas mais distantes, ampliam-se os recursos da cirurgia que pratica verdadeiros milagres, sondam-se os mistérios da mente profunda, atingem-se as maiores alturas em quase todos os ramos do conhecimento, para, no fim de tudo, o homem esbarrar, perplexo, nestas simples perguntas: “O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? Por que o mal? Por que a dor? Por que a infelicidade?”.

Embora o homem se complique nas suas formas de vida em coletividade, atinja as mais avançadas concepções no campo da ciência, demonstre toda a sua sapiência nos engenhos mais fantásticos, produza, pelo cálculo de suas equações e teoremas, as maiores obras de construção ciclópica, alcance perfeições quase ilimitadas no terreno da eletrônica e da física nuclear, execute artísticas filigranas nas cirurgias cardiovasculares e num sem fim de avanços filosóficos e científicos, jamais conseguirá copiar ou mesmo imitar, com os seus mais variados engenhos e capacidades, o sorriso puro e doce das crianças ou a beleza suprema da simplicidade de uma flor se abrindo...